



Daniela Martins

A207779

ROTEIRO

A subida de barco pelo Rio Benevente leva a um trajeto que sai do cais da colônia de pescadores em direção ao manguezal.

O passeio continua pelo Rio Salinas até o sítio histórico das ruínas jesuíticas e, na volta, contando com a sorte, é possível ver o pouso das garças brancas em um belo recanto

Passeio ecológico em Anchieta

O turismo de Anchieta não se resume às belas praias. Para os amantes da natureza, estudantes e pesquisadores, a subida de barco pelo Rio Benevente – cujo manguezal é considerado o mais conservado do Espírito Santo – é um passeio imperdível.

Há barcos que fazem o trajeto saindo do cais da colônia de pescadores em direção ao manguezal. O passeio continua pelo Rio Salinas até o sítio histórico das ruínas jesuíticas, com direito a um banho refrescante de água doce.

O percurso de ida e volta pode durar de 40 minutos a uma hora cada um. E o tempo em que o barco fica ancorado próximo às ruínas fica a cargo da vontade dos turistas.

Na volta, dependendo da sorte, é possível ver o pouso das garças brancas em um recanto do manguezal e contemplar a algazarra dos milhares de papagaios em uma das ilhotas do Benevente, eleita pelas aves como local de acasalamento e berçário.

Também é possível conhecer um pouco mais do trabalho dos catadores de caranguejo. Eles ficam ancorados próximos ao mangue em quase toda a extensão do rio. É difícil, mas quem tiver mais sorte ainda pode ver os jacarés que vivem na região.

Ruínas

Localizadas na margem esquerda do Rio Salinas, afluente do Benevente, as ruínas se destacam do ambiente natural não só pela obra que representam, mas também pela imponência de

Ao subir de barco pelo Rio Benevente, o visitante conhece o manguezal mais conservado do ES



suas formas, pela harmonia de suas proporções e pela seqüência rítmica do conjunto de 32 colunas, algumas redondas, outras, quadradas.

Construção em alvenaria de pedra, argamassa com uma mistura heterogênea em que se destacam as pequenas conchas de Anchieta, as ruínas se alçam do solo a partir de um sistema estrutural básico de colunas e paredes de vedação. Voltadas para a ponte, emergem como um objeto na grande paisagem territorial que as envolvem.

Supõe-se que as ruínas tenham sido uma salina clandestina, da época colonial. Próximo a elas há um cemitério indígena e vestígios do que deve ter sido a sede de uma das maiores aldeias indígenas do Brasil, a Aldeia de São Pedro, que tinha nove mil integrantes quando os portugueses aqui chegaram.

As ruínas ficam a poucos quilômetros da cidade, no meio do bosque de eucaliptos. É a primeira parada do barco que faz o passeio. O acesso é simples, basta uma caminhada de cerca de 10 minutos.

Cada barco carrega no máximo oito pessoas, que dividirão o valor do passeio, que é de R\$ 30. O melhor horário de partida é às 16 horas, momento em que será possível presenciar a revoada das garças.

O passeio pode ser marcado com antecedência pelo telefone 3536-1554. Os barcos são pilotados por pescadores da região. Em dia de sol quente, é aconselhável levar chapéu e protetor solar.

Bugigangas compradas à beira-mar têm seu charme

ADRIANA BRAVIN

Enquanto a maioria está na praia para pegar um bronzeado e curtir o dia, um verdadeiro exército de ambulantes se esforça para conquistar os fregueses com bugigangas variadas.

São óculos de sol, cangas, brincos artesanais, redes, chapéus, bronzeadores, CDs, pregadeiras e até brinquedos que, com certeza, serão perdidos por quem comprou até o próximo verão.

Como é rara a presença da fiscalização de posturas na maioria das praias do litoral capixaba, o “shopping” da areia começa a funcionar bem cedo. Para ganhar o dia é preciso ter muita disposição.

Às 8 horas, os vendedores de óculos escuros Rubens Ximenes Moraes e Daniel dos Reis Amorim, de Cariacica, começam a percorrer as praias do litoral da Serra. Desempregados, aproveitam o verão para ganhar um dinheiro extra.

Eles ganham de R\$ 40,00 a R\$ 100,00 por dia nas areias de Jacaraípe e Manguinhos. “Nas outras praias ninguém compra nada”, diz Rubem.

A concorrência no comércio ambulante de óculos escuros é alta. Que o diga Vander Márcio Gonçalves dos Santos, pela primeira vez gastando sola de chinelo nas areias escaldantes. “Tem muita gente vendendo óculos de sol. Não dá para ganhar muito”. O segredo do negócio, diz a vigilante Elizete Pereira, é diversificar.

Nos finais de semana ela pode ser vista nas areias de Manguinhos, na Serra, vendendo algodão doce e brinquedos. “Este ano trouxe o estilingue do Sítio do Pica-Pau Amarelo, barquinhos, baldinhos e violõezinhos. Tenho que chamar a atenção das crianças”.

Já Lucione Zanon, 11 anos, não precisa se esforçar para chamar atenção para vender bijuterias artesanais. Franzino, ganha as freguesas pela simpatia.

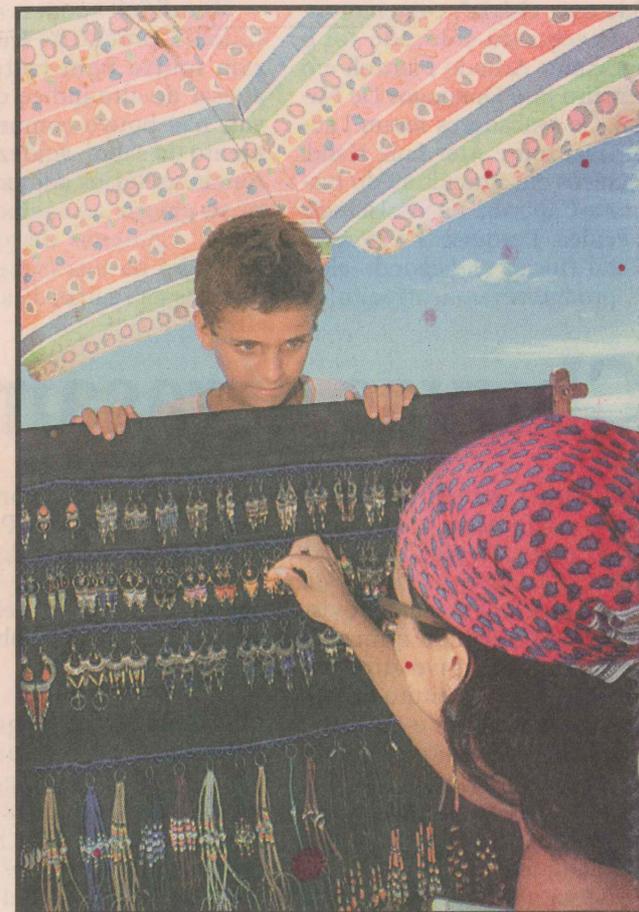
“Quando alguém quer comprar me chama”. Há três meses trabalhando nas praias da Serra, o garoto não se importa em perder os finais de semana para o trabalho. “Durante a semana vou à praia”.



Carlos Alberto da Silva

Diversificado

Elizete Pereira vende algodão doce, e Vander dos Santos, óculos coloridos



Mostruário

Lucione Zanon ganha freguesas pela simpatia e beleza dos brincos